

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



POESIA DE COMBATE

11

VÉSPERA DE COMBATE

Diana — Adivinha a que vais dizer.

Tiago — Contas que passas no teu amor?

Diana — Isso não seria adivinhar. Queres-te ou não. Já na cidade em que andas, a morte que eu te dê não é preciso que te contente, nem logo que te enfade. O que procuro é para além de nós.

Tiago — Para além das nossas palavras vivas.

Diana — E para além da morte também, meu amor.

Tiago — Diana, vejo que estás a ler na minha alma.

Suspiro.

Diana — Tens razão, Tiago, alguém veio pela estrada.

II

Escrito em finais (?) dos anos 40.
1970, in *12 Peças de Teatro Juvenil*, Luanda, ed. Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa. Texto de *Véspera de Combate* muito alterado.

Representado em: 1951 (Teatro Nacional D. Maria II), 1951 (Teatro Portalegrense), 1951 (Liceu Pedro Nunes, Lisboa), 1952 (Teatro Nacional D. Maria II), 1952 (Teatro Vale Formoso, Porto), 1952 (Teatro-Circo de Braga), 1952 (Teatro Garcia de Resende, Évora), 1953 (Teatro do Palácio Foz), 1953 (Auditorium do Instituto Superior de Agronomia, Lisboa) — todos os espectáculos, dir. A. M. Couto Viana.

Tiago — Diana?

Diana — Meu amigo?

Tiago — Não foram os homens quem salvou a minha
(A voz perdura.) Nem serão eles quem o torna a salvar.

O PANO CAIXA

VÉSPERA DE COMBATE

Mistério

PERSONAGENS

O PEREGRINO

A RAPARIGA

O ANJO



Trecho de paisagem mutilada. Uma árvore ressequida; troncos; blocos de colunas que foram duma igreja; vestígios de incêndio. Entra o Peregrino. Leve trilo de ave.

O PEREGRINO — Eis o sítio... As paredes da igreja, os cabeços, os vales... Ao longo deste muro, quantas vezes percorri, entre silvados, o caminho da escola. Também à fonte se ia ter por ali. A vida pulsava, à luz do sol e da lua... Mas zumbiram os aviões no alto. O fogo encheu a distância. Explodiram crateras. Foram chegando os lutos em procissão: praga sobre praga, como as não sabe engendrar a Natureza... Ah! gente bruta e cruel! Ah! desgraçadores!

O Peregrino senta-se num tronco de árvore. Sobre o muro despontam as cabecitas de dois pequenos que brincam, a caminho da escola. Um deles espreita, sobre um troço de muro derrocado, e faz sinal ao outro; juntam as cabeças. O Peregrino sorri. O primeiro deita a língua de fora, enquanto o segundo atira uma pedra. E abalam.

O PEREGRINO (*leva as mãos à face*) — Estarei mudado... Ou estarão mudadas as crianças!...

Por sobre o muro como que desliza o busto duma rapariga, de cântaro à cabeça.

A RAPARIGA (entoa, numa voz alheia):

O amor quem foi que o viu
Quem foi que viu o amor?

De súbito, a Rapariga estremece, deixa de cantar; olha em redor. Encara o Peregrino, que vai para se mover direito a ela.

A RAPARIGA (com lassidão) — Estrangeiro.

Continua a andar, murmurando a canção que acaba, depois que ela desapareceu, num assobio.

O PEREGRINO — Pareço estrangeiro, àqueles olhos tristes e vorazes. Olhos de quem viu espectros, também os dois garotos viram espectros... E, contudo, a ave canta; a fonte, a escola, mantêm o ritmo de vida. Preparam, talvez, as ruínas um mundo diferente, onde sou estranho... Por que voltei?... Que importa sobreviver? Por que não caem os homens, ao anúncio do Inverno, como as folhas? Para quê, no segredo da alma, a terrível canção das Primaveras?... Uma força indomável aqui me trouxe. Uma ânsia de chegar, de não morrer, antes de chegar à estação do meu destino... Uma esperança, uma angústia... um amor!

O Peregrino apanha na concha da mão um pedaço de terra e leva-a à boca, fervorosamente. Ao erguer a vista, depara, sobre um troço de coluna a formar pedestal, num Anjo que surgiu em modo de perfeita aparição, drapejado como estátua de pedra.

O PEREGRINO — Um anjo! (*Trilo de ave.*) É singular. Tenho a impressão de que ele havia de ter estado aqui desde sempre.

O ANJO — Desde sempre!

O PEREGRINO — Mas, também sinto que, dia e noite, andei com ele a meu lado.

O ANJO — A teu lado!